

# Caminhos da Matemática

História,  
Educação e  
Aplicações

Bruno Rodrigues de Oliveira  
Alan Mario Zuffo  
Jorge González Aguilera  
(Organizadores)



Pantanal Editora

2019

Bruno Rodrigues de Oliveira  
Alan Mario Zuffo  
Jorge González Aguilera  
(Organizadores)

# Caminhos da Matemática

## História, Educação e Aplicações



Pantanal Editora

2019

Copyright© Pantanal Editora  
Copyright do Texto© 2019 Os Autores  
Copyright da Edição© 2019 Pantanal Editora  
**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** Os editores  
**Edição de Arte:** Os editores e autores  
**Revisão:** Os Autores

#### **Conselho Editorial**

- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Albys Ferrer Dubois – UO
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Fábio Steiner - UEMS
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas Rodrigues Oliveira – Município de Chapadão do Sul
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFC
- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yilan Fung Boix – UO

#### **Conselho Técnico Científico**

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior - UNEMAT
- Esp. Maurício Amormino Júnior - UFMG

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
<b>C183</b>	Caminhos da matemática [recurso eletrônico] : história, educação e aplicações / Organizadores Bruno Rodrigues de Oliveira, Alan Mario Zuffo, Jorge González Aguilera. – Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2019. 138 p. : il.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-02-0  1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Professores de matemática – Formação. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Zuffo, Alan Mario. III. Aguilera, Jorge González.  CDD 510.07
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora  
Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso - Brasil  
Telefone (66 )99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## Apresentação

As principais vertentes no estudo das ciências da matemática são: história da matemática, aspectos relativos ao ensino e aprendizagem da disciplina, o estudo da matemática por si mesma, denominada de matemática pura e também as aplicações das teorias matemáticas.

Neste livro são apresentadas discussões sobre questões relativas a história da matemática, a educação e aplicações.

No primeiro tópico, os autores elaboram um texto que resgata a história do primeiro matemático brasileiro a obter o doutoramento, destacando suas principais contribuições.

No segundo tópico, é apresentada uma pesquisa sobre o ensino/aprendizagem da disciplina de matemática financeira no nível superior, empregando a metodologia de ensino e avaliação *Team Based Learning*.

Mesclando os tópicos de aplicação e educação, temos um trabalho sobre as funções e equações exponenciais e logarítmicas, tratando um pouco sobre seu desenvolvimento e importância históricos e sua utilização até os dias atuais.

Por último, relativo ao tópico de aplicação, duas pesquisas ilustram diferentes teorias matemáticas, concernentes a análise de dados e equações diferenciais, exibindo suas aplicações na análise de sinais de voz e estudo de circuitos elétricos, respectivamente.

Assim sendo, este livro trilha apenas uns pouquíssimos caminhos construídos pela matemática. Pretendemos que esta obra seja ampliada para que esta disciplina tão essencial para o desenvolvimento da ciência possa ser melhor compreendida em suas mais diferentes abordagens.

**Bruno Rodrigues de Oliveira**

**Alan Mario Zuffo**

**Jorge González Aguilera**

## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> .....	5
Joaquim Gomes De Souza (1829-1864): A Construção de uma Imagem de Souzinha	
<b>Capítulo 2</b> .....	37
Aplicações de funções e equações exponenciais e logarítmicas	
<b>Capítulo 3</b> .....	51
Ensino de matemática financeira no curso de licenciatura em matemática e bacharelado em ciências contábeis: reflexões dos impactos no processo de ensino/aprendizagem e/ou no mercado de trabalho	
<b>Capítulo 4</b> .....	61
Extração de Características em Sinais de Voz por meio da Análise de Componentes Independentes	
<b>Capítulo 5</b> .....	76
Equações Diferenciais Ordinárias na Aplicação de Circuitos Elétricos	

# Joaquim Gomes De Souza (1829-1864): A Construção de uma Imagem de Souzinha

Irene Coelho de Araújo<sup>1\*</sup>

Eder Pereira Neves<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma investigação sobre a vida e as obras de Joaquim Gomes de Souza com vistas à construção de uma imagem desse personagem – mais conhecido na História da Matemática brasileira como Souzinha (1829-1864). Para tanto, debatemos algumas das ações que levam uma pessoa a se tornar importante para a História, como são registrados os acontecimentos que a fizeram se tornar nome de rua, nome de escolas, praças, razões do por que alguém escreveu livros sobre a pessoa, realizou homenagens públicas e construiu monumentos dela.

Adotamos como suporte teórico e metodológico elementos da Análise de Discurso Francesa (ADF), buscando tanto aproximar das concepções de Foucault e Bakhtin, quanto relacionar História e Linguística, fugindo da percepção da transparência da linguagem e da ilusão do entendimento das variadas formas de expressões possíveis por meio dos códigos linguísticos.

Em busca de formas de lidar com as noções discursivas, sua significação, seu sentido e seu uso na História, tomamos a decisão de estudar pontos de vista de historiadores, filósofos e linguistas com vistas a auxiliar na efetivação do trabalho. A conclusão a que chegamos é de que uma imagem de Souzinha não se resume ao que ele de fato produziu em termos de obras fantásticas ou perfeitas. Os fatos, as tradições, crenças, prestígio familiar, os valores presentes no século XIX, a forma de escrita das biografias foram fatores que permitiram a sua inserção na história.

Este estudo teve como finalidade discorrer sobre os diversos fatos que envolvem a construção de uma imagem biográfica apresentada em textos escritos sobre um personagem da

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Cassilândia. Rodovia MS 306, Cassilândia-MS.

\* Autor de correspondência: irene@uems.br

História da Matemática. A partir dos fatos, procuramos compreender o que influenciou os autores dos textos nos seus escritos e lançar luz ao processo de construção de uma imagem de Joaquim Gomes de Souza – Souzainha (1829-1864).

Esse personagem, o primeiro matemático brasileiro a conseguir o grau de doutor em Matemática com defesa pública de tese, deixou textos escritos relacionados à Matemática, Física e Poesias, foi parlamentar na província do Maranhão e médico. Sobre ele foram escritos vários textos, e o presente trabalho traz uma compilação e um debate sobre as informações e os juízos contidos em alguns escritos.

Para escolher os textos seguimos uma tradição, qual seja, a de analisar os que mais apareceram como referência nas pesquisas sobre o assunto selecionadas para este trabalho cujo detalhamento descrevemos adiante.

Os textos encontrados em nossa busca foram publicados em datas referentes a três séculos diferentes. Esse fato teve que ser levado em conta em nossas análises, pois consideramos que essa diferença de datas pode ter influenciado as escritas dos autores. Por isso, a análise de como cada pesquisador, em momentos e influências diferentes, contou a história de Joaquim Gomes de Souza se tornou fundamental.

No texto publicado no *Diccionario Bibliographico Portuguez* de autoria de Innocencio Francisco da Silva (1884), encontramos a autobiografia de Souzainha. Nesse documento, foi possível o estudo de suas memórias escritas e o conhecimento dos conceitos matemáticos apresentados. Em seguida são apresentados os títulos das memórias constantes da autobiografia e um detalhamento daquela que trata dos métodos gerais de integração.

Os dados sobre a vida e as obras matemáticas de um professor da Escola militar do Rio de Janeiro que nasceu e estudou no Brasil, defendeu uma tese de doutorado considerada inédita e que viveu no período de construção de alguns conceitos da Matemática do século XIX, permitiram observar como era a Matemática que ele estava investigando e relatar pesquisas que indicam se de fato houve contribuição da obra de Souzainha para as descobertas da época.

A construção de uma imagem de Joaquim Gomes de Souza e um levantamento dos conceitos matemáticos pesquisados por ele e registrados em suas publicações podem contribuir com as pesquisas em História da Matemática e, também, com a formação de professores de Matemática. Entendemos que a contribuição seja a de informar a participação de um matemático brasileiro na construção de conceitos matemáticos.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa são aqueles adequados a uma abordagem qualitativa de uma pesquisa bibliográfica e documental. Adotamos elementos da Análise de Discurso Francesa (ADF) como aporte teórico e metodológico, buscando tanto

aproximar das concepções de Foucault e Bakhtin, quanto relacionar História e Linguística. Para nós esses referenciais teóricos e metodológicos possibilitam entender as diversas formas do uso da linguagem para investigar os fatos históricos que envolvem a história de Souza.

O texto que resulta deste estudo foi organizado da seguinte forma:

Apresentamos dados biográficos de Joaquim Gomes de Souza e, de maneira sucinta, alguns ideais presentes no século XIX que podem ter influenciado a forma de escrita sobre a história de Souza. Expomos, nessa parte, a opinião do primeiro crítico e do primeiro grande admirador que aparecem na história de Souza, bem como os argumentos que eles apresentam para sustentar suas ideias.

Foram feitas considerações sobre a diferenciação dos discursos na História e na Linguística. Expusemos também as visões de Foucault e Bakhtin sobre elementos que compõem a ADF e suas relações com a construção da imagem de uma pessoa.

Apresentamos, as obras escritas por Joaquim Gomes de Souza, o que o influenciou para escrevê-las, os meios que utilizou para publicação dessas obras, as justificativas usadas, alguns conceitos matemáticos apresentados por ele nessas obras e sua forma de organização e escrita.

Destacamos que, o personagem pesquisado recebe algumas denominações: a denominação de Joaquim Gomes de Souza, seu nome de registro; Gomes de Souza como é indicado em algumas publicações e, também Souza, codinome que recebeu quando ainda era criança e que aparece em algumas publicações.

## **ELEMENTOS BIOGRÁFICOS DE JOAQUIM GOMES DE SOUZA – SOUZINHA**

A análise de uma imagem biográfica de Joaquim Gomes de Souza foi feita observando vários aspectos de sua trajetória; depoimentos sobre sua personalidade que constam em vários livros de diversas épocas, bem como concepções sobre fatos de sua carreira e, também, opiniões críticas sobre seus procedimentos (Figura 1).

Ao observar a construção de um texto, devemos levar em conta a atuação eficaz de caráter linguístico e social que demanda a participação de sujeitos inseridos num determinado contexto sociocultural, envolvidos no processo de organização dos discursos.



**Figura 1.** Retrato de Joaquim Gomes de Souza.

Fonte: <http://www.google.com.br/search/joaquimgomesdesouza>

Ao observar a construção de um texto, devemos levar em conta a atuação eficaz de caráter linguístico e social que demanda a participação de sujeitos inseridos num determinado contexto sociocultural, envolvidos no processo de organização dos discursos.

De acordo com Viveiros (1954), o Maranhão despontava na política e na economia, foi natural a necessidade de os filhos dos senhores ricos buscarem o melhoramento intelectual, muitos maranhenses foram estudar na Europa. Com isso, o Maranhão se tornou um local com grande representação intelectual e cultural, grandes nomes de destaque constituíram o chamado Grupo Maranhense (1832 – 1868), por isso recebeu a rotulação de “Atenas do Brasil”.

Joaquim Gomes de Souza nasceu em 15 de fevereiro de 1829, na vila de Itapecuru Mirim, na província do Maranhão, e faleceu em Londres no dia 1º de junho de 1864. Foi o sétimo filho de uma família de nove irmãos, recebeu o apelido de Souzinha, quando ainda era criança.

Iniciou seus estudos em São Luís, com 12 anos de idade foi enviado para Olinda, com o intuito de estudar Direito, porque o seu irmão mais velho já estudava lá e pelo fato de que, naquela época, a cidade de Olinda atraía muitos estudantes de todo o Brasil, por conta da existência do Seminário Católico e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

Um ano depois Souzinha retornou para São Luís, pois seu irmão havia falecido, ele ficaria em Olinda sozinho e seu pai decidiu enviá-lo em 1843, com apenas 14 anos, para a Escola Militar do Rio de Janeiro a fim de seguir a carreira militar. Ficou registrado na história de Souzinha que foi na Escola Militar que ele se destacou, apresentando muito domínio das Matemáticas.

Em virtude de ser muito franzino, as práticas militares não atraíam Souzinha, que se interessava mais pela Matemática e, em 1845, reconheceu não ter condições físicas para

continuar na Escola Militar e resolveu dar baixa do exército, no mesmo ano fez o exame de Latim e Filosofia para ingressar no curso de Medicina da Faculdade do Rio de Janeiro, com 16 anos de idade.

Ao cursar o primeiro ano de Medicina, encontrou na Física e na Química uma grande motivação para suas pesquisas; com isso, começou a estudar sozinho o Cálculo Diferencial e Integral, Mecânica e Astronomia.

Em 1848, depois de ter certeza de que queria enveredar pela Matemática, abandonou o curso de Medicina. Conseguiu autorização para fazer exames, na tentativa de concluir o curso de Ciências Matemáticas e Físicas; depois de fazer várias avaliações diante da comissão de professores avaliadores, conseguiu comprovar seus conhecimentos na congregação da Escola Militar e essa lhe concedeu o grau de bacharel em Ciências Matemáticas e Físicas.

A partir do título de bacharel, solicitou à Congregação da Escola o direito de defender em público sua tese, a fim de obter o grau de doutor, sua solicitação foi aceita. Com 19 anos defendeu uma tese inédita em Astronomia, com 55 páginas, tendo como fundamento básico as teorias de Laplace, contidas na sua obra Mecânica Celeste.

Depois de obter o grau de doutor, considerado como o primeiro matemático brasileiro a ter o grau de doutor com defesa pública de tese em universidade brasileira, tornou-se professor da Escola Militar.

No mesmo ano da defesa da tese, surgiu uma vaga de lente substituto<sup>1</sup> na Escola Militar. Ele fez a seleção, foi aprovado, contratado e se tornou professor da Escola Militar, ou seja, foi professor substituto da 1ª cadeira do 4º ano, que compreendia as disciplinas de Trigonometria Esférica, Astronomia e Geodésia. Como exigência da função, teve de ser nomeado tenente-coronel do exército e capitão honorário da Escola Militar.

A primeira biografia de Joaquim Gomes de Souza, escrita por Antônio Henriques Leal (1828-1885) no livro *Pantheon Maranhense: Ensaio Biográfico dos Maranhenses ilustres já falecidos* (1874), é uma referência carregada de ufanismos, demonstrando do início ao fim uma admiração peculiar, capaz de confundir o leitor com as informações, dando a impressão de que toda aquela história faz parte de uma irrealidade.

Nessa mesma biografia, Leal afirma que D. Pedro II era admirador de Souza e o designou, em 1852, especialista em Ciências Sociais, para que ele passasse a se dedicar à pesquisa das reformas necessárias ao sistema penitenciário do país; logo depois, foi nomeado secretário da comissão diretora da construção e do regime interno da casa de correção da Corte; nesse cargo ele permaneceu até a sua morte.

---

<sup>1</sup> s2g. Obsol. Professor substituto de escola superior. (Dicionário Aurélio, 2000, p. 423).

Segundo Portela (1975), com a justificativa de estudar o sistema penitenciário europeu, argumentando sobre a necessidade de reformar o nosso sistema, requereu ao governo brasileiro permissão para ir à Europa, mais precisamente para França, Inglaterra e Alemanha. Em 1854, viajou para a França, enquanto esteve lá aproveitou para fazer os estudos sobre o regime penitenciário, dedicou-se às pesquisas matemáticas, tentando publicar algumas de suas memórias e concluiu o curso de medicina na Faculdade de Medicina de Paris.

Souzinha ainda se encontrava na Alemanha quando ficou sabendo que havia sido eleito, em novembro de 1856, representante do Maranhão na Câmara dos Deputados. Ele foi indicado por alguns amigos, parentes e admiradores para representar seu distrito eleitoral, que englobava a região de Itapecuru Mirim. Gomes de Souza voltou ao Brasil para tomar posse no início de 1857.

Uma forma de continuar fazendo parte do poder político no século XIX e ter oportunidade de participar de grupos que comandavam as decisões de uma determinada região era ampliar os laços familiares, por meio dos casamentos entre pessoas das famílias que detinham o poder, para que as novas gerações continuassem as alianças.

Ele não se casou com nenhuma mulher nascida no Maranhão, mas, sim, com Rosa Edith, inglesa, filha do reverendo Humber.

Os interesses de Souzinha em casar com Rosa Edith eram outros, segundo Souza (2008, p. 184):

No início de 1857, já com seus 28 anos de idade, deputado do Parlamento Brasileiro, resolveu que necessitaria se casar, ser chefe de família era uma condição que lhe cobriam mais cedo ou mais tarde, tanto pela idade, quanto pelo lado político. De imediato pensou em Miss Rosa Edith, a jovem inglesa que havia conhecido há menos de um ano, não porque uma paixão arrebatadora o havia atingido, mas porque ela reunia as condições ideais para ser a sua esposa.

Do pedido ao pai da moça, até o casamento foram apenas oito dias, um casamento rápido com interesse de chegar ao Brasil para assumir o Parlamento Brasileiro, como um homem que respeitava as tradições em vigor em sua terra natal.

Joaquim Gomes de Souza se casou com Rosa Edith, deixou-a na Inglaterra e veio para o Brasil tomar posse do seu cargo. Só em 1858 trouxe a esposa para o Brasil, tiveram um filho e, em 1861, sua esposa morreu com febre tifoide contraída em uma viagem que fez ao interior do Maranhão para apresentar sua esposa à família e conhecer seu eleitorado, pois ele havia se candidatado novamente para o cargo de deputado, ao qual tomou posse em 1861. Em 1863, morreu o seu filho em São Luís, vítima de uma doença repentina que nem ele sendo médico percebeu a gravidade do estado de saúde da criança.

Nos livros, dissertações e artigos analisados na pesquisa sobre a vida e os feitos de Joaquim Gomes de Souza, a maioria deles só apresenta elogios à pessoa de Souzinha,

intitulando-o de gênio. Esse material deixa transparecer um personagem que não teve tempo, nem oportunidade de realizar seus objetivos. Apenas um livro escrito em 1878 por Frederico José Correia (1817-1881), com título “Um livro de críticas”, traz duros julgamentos a ele, chamando-o de charlatão.

A imagem-objeto do homem não se reduz a uma pura coisificação. Pode despertar o amor, a piedade, etc. Mas o importante é que ela seja (e deve ser) compreendida. Na obra literária (como em todas as artes), tudo, até mesmo as coisas inertes (correlacionadas com o homem), é marcado de subjetividade. (Bakhtin, 1997, p. 341)

Passamos agora a apresentar críticas a Joaquim Gomes de Souza, feitas por Frederico José Correia, em sua obra *Um livro de Críticas* (1878):

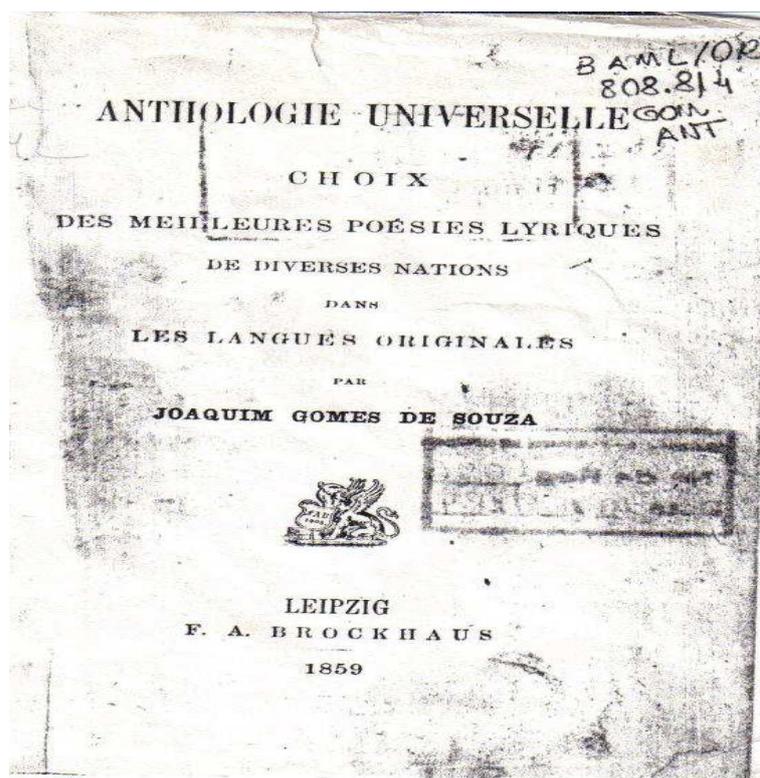
Frederico José Correia é o primeiro intelectual brasileiro a ter dúvidas convincentes quanto à propalada genialidade de Gomes de Sousa, muito antes da revisão das reais dimensões do talento do matemático maranhense ao longo do século 20. [...] O crítico Correia, no lugar de um gênio, enxerga apenas charlatanismo e impostura, sobretudo na biografia de Antônio Henriques Leal a respeito do matemático. (Martins, 2009, p. 660)

Frederico José Correia é ousado em suas palavras, com o intuito de criticar a obra de Antônio Henriques Leal, chamando Joaquim Gomes de Souza de charlatão. Esse julgamento é algo que mereceu nossa atenção na análise, pois precisamos investigar as reais intenções dele, se havia algum fundamento em seus discursos ou se era alguma mágoa que ele detinha, já que a obra o *Pantheon Maranhense* fazia a biografia de várias pessoas consideradas por Leal como ilustres e Frederico não aparecia entre os biografados.

Para isso observamos fatos da cultura brasileira da época em que Frederico José Correia escreveu essas críticas, e constatamos que por trás de todo esse discurso havia certa revolta relacionada ao fato de ainda viver em um país de certa forma atrasado, ruralizado, com o domínio político de coronéis, onde predominava o analfabetismo; suas ideias eram bem diferentes dos fatos presentes no ideário comum dos intelectuais daquele período.

É fato que Antônio Henriques Leal exaltou Joaquim Gomes de Souza para muito além do que os resíduos documentais permitiram ver. Concordamos com Correia (1878) quando ele tece suas críticas, na falta de um livro que pudesse confirmar a tese de que Souza era um gênio.

A obra que Gomes de Souza publicou em 1859, em Leipzig, na Alemanha, impressa pela *F. A. Brockhaus*, também foi alvo das duras críticas de Frederico José Correia.



**Figura 2.** Frontispício de *Anthologie Universelle*.

Fonte: <http://www.google.com.br/search/joaquimgomesdesouza>

O livro *Anthologie universelle choix des meilleures poésies lyriques de diverses nations dans les langues originales* apresenta quinhentas poesias em dezessete línguas de nações diferentes, foi organizado com duas páginas de capa e contracapa, uma página para a dedicatória, quatro páginas dedicadas ao prefácio, dezoito páginas destinadas ao índice, mostrando a nação a que pertence cada poeta e o título de suas poesias, e novecentos e quarenta e três páginas de poesias.

O título, a dedicatória e o prefácio foram escritos em língua francesa e as demais páginas foram escritas na língua do poeta mencionado. Na página voltada para a dedicatória, Souza homenageou Luís Antônio Vieira da Silva, afirmando que a obra era dedicada a ele como sinal de alta consideração por seu talento e sua amizade.

No prefácio da obra, Joaquim Gomes de Souza tenta explicar como foram feitas a organização do livro e as escolhas das poesias, ele deixa evidente que as poesias são de gênero lírico, apesar de algumas serem épicas, e que não foram apenas baseadas em um gosto particular, mas, sim, escolhidas as melhores poesias de cada povo, pois o objetivo dele era dar a oportunidade ao leitor de transpor os limites físicos de seu país e estabelecer um vínculo de fraternidade entre as nações.

É possível perceber nas entrelinhas do prefácio que ele teve ajuda de alguém na escolha dessas poesias, mas não cita nenhuma pessoa, afirma que é um trabalho inédito e dificilmente

alguém fará alguma coisa igual, pois a cada dia surgirão novas poesias e critérios diferentes para organizar algo parecido.

Gomes de Souza não indica como escolheu determinadas nações e poetas, mas afirma que escolheu poetas notáveis e que foi guiado pelo ponto de vista da estética, não explica o porquê de ter colocado alguns poetas brasileiros como se fossem poetas portugueses e não esclarece por que iniciou a obra em francês e depois colocou as poesias nas línguas originais.

Considerando esse contexto, apresentamos o entendimento de Foucault (1926-1984), que compreende que a análise do discurso só pode ocorrer por meio das coisas que ficaram registradas, que foram ditas, já que:

Só pode se referir a performances verbais realizadas, já que as analisa no nível de sua existência: descrição das coisas ditas, precisamente porque foram ditas. A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para eles o fato de terem aparecido - e nenhuma outra em seu lugar. (Foucault, 2008, p. 124)

O prefácio é o único lugar da obra em que ele poderia ter indicado como foi a organização do livro; em seguida, ele colocou os nomes dos poetas, a nação a que pertencem e as suas respectivas poesias em sua língua original, sem nenhuma explicação para aquelas escolhas. Em nenhum momento do livro aparecem comentários sobre quando e onde ele começou a fazer o levantamento das poesias, o motivo pelo qual se dedicou mais a alguns poetas do que a outros.

Diante disso, podemos perceber e compreender os motivos que levaram Frederico José Correia a tecer tantas críticas a essa publicação, já que não há na obra nenhuma referência da forma como ele conseguiu os dados, como foi a escolha do idioma e dos poetas, porque ele não escolheu uma língua e reuniu todas as poesias em um idioma só, para quem serviria um livro com essas características, porque deixou de fazer comentários sobre a importância de cada poeta, cada nação, cada poesia, quanto tempo ele gastou para organizar essa obra, quem foram os seus colaboradores, essas e muitas outras questões ficaram sem respostas.

Quando ele escreveu “poètes portugais”, deveria querer dizer poetas da língua portuguesa, pois nesse grupo colocou 4 poetas brasileiros, mas não deixou isso claro, o leitor desatento pode achar que todos são de Portugal; talvez ele pudesse ter aproveitado a oportunidade para enaltecer o nome do seu país.

Frederico José Correia em sua obra ‘Um Livro de Críticas’ demonstra muita fúria a se referir ao modo pretensioso de Souza ao organizar a coletânea de poesias sem critérios de

organização, com muitas questões sem respostas, restrita a alguém que dominasse 17 idiomas e gostasse de poesias líricas.

Para Correia essa obra serviria apenas para aumentar seu número de atividades intelectuais, pois naquele período, quanto mais eclético fosse o intelectual brasileiro, mais prestígio ele teria, justificava-se, assim, segundo Correia, o interesse de Joaquim Gomes de Souza em publicar uma obra que tivesse essas características, pois ele iria ser visto como alguém que dominava, além da Matemática, 17 línguas, conhecia bem o gênero lírico e estava por dentro das diversas literaturas.

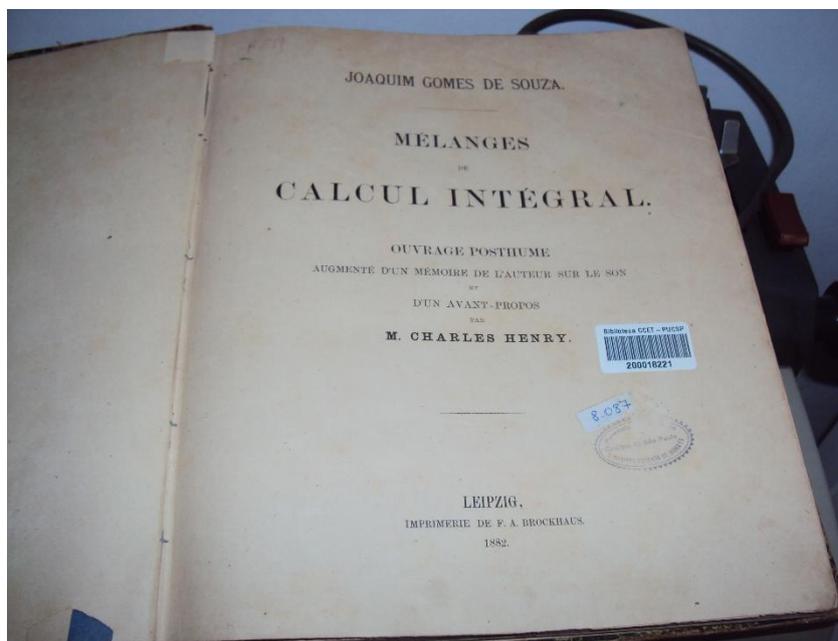
Correia queria evidenciar em suas críticas, que Gomes de Souza tinha como principal objetivo realizar um fato que pudesse ter um destaque nacional, causando uma admiração dos leigos, um fato extraordinário, coisa digna de gênio, essa forma de autopromoção foi o que gerou tantas críticas de Correia, mas ele vai além e critica até o que ele chama de antologia universal, porque omitiu poetas do Oriente, do Norte e do Sul da América.

Correia menciona em seu livro várias intenções e falhas de Souza, mas também apresenta algumas injustiças e exageros em suas críticas, pois ele acusa Gomes de Souza de ter esquecido de contemplar as línguas como o latim e grego, porém isso não é verdade, pois foram apresentadas 18 poesias envolvendo essas duas línguas. Percebemos nesse detalhe que o objetivo de Correia era de desmoralizar a obra de Souza.

Apesar de todas as críticas, Correia não afirma em nenhum momento que Joaquim Gomes de Souza não possuía inteligência, muito pelo contrário, depois que ele analisa todas as suas produções, discursos, ele afirma que “talento, não há dúvida, mas talento unicamente de quem lê e aprende e diz o que leu e aprendeu” (Correia, 1878, p. 146). Correia concorda que Souza possui um pouco de talento, mas não algo magnífico, ele indica que apenas ele é capaz de ler, compreender e formar textos em determinados contextos de forma persuasiva, demonstrando saber o que está falando.

Em relação à obra inacabada que Leal cita no Pantheon, afirmando que para ser publicada só precisava da introdução e de uma boa redação, essa obra que não havia sido publicada era o livro *Mélanges de Calcul Intégral*, cuja publicação data de 1882 pela editora *F. A. Brokhaus*, financiada pelo governo brasileiro, depois de um projeto aprovado na Câmara dos Deputados da província do Maranhão, exigindo a publicação do livro com os materiais que ele havia deixado na editora em Leipzig, na Alemanha, a mesma editora que publicou a Antologia universal das poesias líricas.

Os materiais deixados por Gomes de Souza foram organizados e revisados pelo professor de Matemática Édouard Anatole Lucas. Esse livro foi prefaciado por M. Charles Henry, amigo de Souza e bibliotecário francês.



**Figura 3.** Folha de rosto do livro *Mélanges de Calcul Intégral*.

Fonte: Foto tirada pela autora (2010); livro encontrado na biblioteca de obras raras da PUC/SP.

Quem conheceu os feitos de Joaquim Gomes de Souza, tendo como base o livro de Antônio Henriques Leal, passou adiante a ideia de gênio e a história contribuiu para espalhar essa fama de intelectual comparável a outros cientistas admiráveis, mas como há pesquisadores que ainda hoje buscam explicações sobre o não reconhecimento de Souza, talvez possa justificar alguma coisa, o fato de Joaquim Gomes de Souza ter se dedicado à política talvez possa ter prejudicado o seu desenvolvimento na Matemática, o próprio Leal inicialmente era contrário à candidatura dele a uma cadeira na Câmara dos Deputados, pois isso poderia prejudicar as suas pesquisas.

Como o Brasil estava vivendo um processo de civilização e constituição de um perfil nacional, muitos intelectuais tiveram que se dividir entre a Ciência, a Filosofia, a Arte, a História, a Literatura e a Política porque o país passava por um momento de consolidação e isso, por um lado, contribuiu com a pátria, mas, por outro, não permitiu que um intelectual brasileiro se dedicasse a uma única especialidade e se tornasse um grande representante dessa área. Essa característica era um fenômeno geral que ocorreu no mundo todo.

A falta de brasileiros que tenham se destacado em nível mundial gerou em alguns historiadores brasileiros, como por exemplo, Antônio Henriques Leal, a necessidade de criar

pessoas que apresentassem características de mitos, comparações e lendas, para assegurar uma identidade nacional influenciada por indivíduos comparáveis a grandes gênios europeus.

Devemos, no entanto, atentar para as influências do Romantismo nesse período histórico, e uma das características dessa escola literária era a originalidade, a valorização das coisas que existiam no Brasil, a singularidade da cultura brasileira, a promoção das belezas naturais para que a cada momento o povo brasileiro pudesse se sentir ainda mais feliz pelo fato de ser brasileiro.

O cenário intelectual brasileiro oitocentista não admitia críticas, a partir do momento em que alguém criticava ideias de algum homem de prestígio da época, significava uma ofensa pessoal ou até mesmo um insulto à pessoa, já que alguns se julgavam acima de qualquer desconfiança sobre suas capacidades intelectuais, o indivíduo criticado passaria a atacar e desqualificar moral e intelectualmente a pessoa que o criticou e isso gerava muitos conflitos e inimizades.

Mesmo diante de tudo isso, Frederico José Correia não se omitiu e criticou Leal, Gomes de Souza e outros maranhenses, talvez tivesse os seus motivos, como já exposto anteriormente, algo que tivesse ocorrido e que não tenha sido do agrado de Correia.

Por meio da escrita da História, percebemos que, muitas vezes, a postura de quem a escreve diante da representação do passado pode transformar várias formas de ver os acontecimentos. Como lidar com o prestígio de alguns diante de determinados grupos e registrar fatos, em que são personagens principais, sem elevá-los à condição de herói ou mito?

A valorização de determinados personagens na História pode conduzir a imaginação a momentos pontuais dos registros históricos, remetendo à construção de narrativas que levam às tradições, aos indivíduos e obras respeitáveis, sem levar em conta fatores que proporcionaram esse prestígio.

O livro *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos* contribuiu também para que, mesmo depois de alguns anos, a ideia de que Joaquim Gomes de Souza teria sido um grande intelectual brasileiro continuasse se propagando, como podemos perceber nas referências escritas nos séculos XX e XXI. Todo esse prestígio dado a Gomes de Souza influenciou a criação da Academia Maranhense de Letras em agosto de 1908, em São Luís, tendo como patrono da cadeira de número oito Joaquim Gomes de Souza.

A linguagem utilizada nas descrições de Leal colocava o biografado em uma posição de gênio, criando sobre a pessoa algo envolto em um mundo de fantasias. Isso pode ser percebido quando ele fala do aprendizado de Souza quando ainda estava no primeiro ano do curso de Medicina:

No *Diccionario Bibliographico Portuguez* são encontrados estudos de Innocencio Francisco da Silva (1810–1876), aplicáveis a Portugal e ao Brasil, que foram continuados e ampliados por Brito Aranha (1833–1914), tomo décimo segundo, quinto do suplemento J, publicado em Lisboa na Imprensa Nacional no ano de 1884, 6 páginas que se dedicam a contar a história de Joaquim Gomes de Souza e cita como principal referência a obra de Antônio Henriques Leal.

Nos dados referentes a Souzinha, encontrados no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, há uma citação retirada do que ele chama de autobiografia feita por Joaquim Gomes de Souza antes de morrer, na qual deixa claro o desejo de ter o seu trabalho reconhecido pela História brasileira, como podemos perceber em suas próprias palavras:

Bem que eu tenha estudado mathematicas durante muitos annos, e saiba melhor analyse mathematica que qualquer outro ramo de conhecimentos humanos; bem que actualmente seja considerado como financeiro e tenha tomado parte viva nos nossos debates políticos, o meu trabalho de predilecção, aquelle que eu considero como o fim da minha vida e pelo qual sobretudo espero merecer alguma cousa dos meus contemporâneos, se é que eu terei de merecer alguma cousa, é pela obra que eu preparo com o título de Leis da natureza, código de legislação em que, passando em revista o universo inteiro, pretendo expor as leis fixas, gerais e invariáveis que presidiram a sua organização. (Silva, 1884, p. 52)

Constatamos, por meio de sua fala, como ele se reconhece em relação aos seus conhecimentos e como o fato de ter se enveredado por outros caminhos pode ter prejudicado a sua principal vocação, que era a Análise Matemática. A princípio dá a entender que quer ser reconhecido, mas, em seguida, faz a correção “se é que terei de merecer alguma coisa”, essa frase leva a imaginar que ele não era tão pretensioso como Correia (1878) afirmava, porém julgava estar terminando um trabalho magnífico fora da área que ele considerava como de maior talento.

Antônio Henriques Leal afirma em seu livro que Gomes de Souza não teve tempo de concluir essa obra que planejava, pois havia muita coisa para ser provada. Nos fragmentos que ele deixou, não se encontra nenhum vestígio de que tenha ocorrido essa publicação.

O fato de registrar esses dados em sua autobiografia sobre uma futura publicação, que não ocorreu, favoreceu a ideia do gênio que não teve tempo de concluir a sua grande obra, a que iria revolucionar uma determinada área. Observando dessa forma, podemos perceber melhor que há intenções por traz desse discurso, ao mesmo tempo em que ele se mostra humilde em relação ao seu reconhecimento, deixa transparecer que esse novo trabalho seria algo grandioso e ainda não havia nenhuma análise de tal material.

No *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, quarto volume publicado em 1898, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Nacional, escrito por Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, são dedicadas duas páginas e meia a Joaquim Gomes de Souza, em que se evidencia em grande parte a genialidade dele, relatando as suas publicações e detalhando seus estudos na Europa,

afirmando que ele “não fazia alarde dos muitos títulos científicos de universidades e das academias de Londres, Berlim e Vienna d’Austria, das quaes era sócio”. (1898, p. 142)

Esse *Diccionario* cita como referências o livro de Antônio Henriques Leal e o *Diccionario Bibliographico Portuguez*; entre os elogios que aparecem nos relatos do *Diccionario* ele afirma que o apelido de Gomes de Souza era de “genio mathemático” (1898, p.142). Mais uma vez percebemos a forma de apresentação dos dados concernentes ao matemático, pois em nenhum momento o autor questiona alguma incoerência em relação às publicações diversificadas, que são citadas no *Diccionario*, apenas contribui para enaltecer a imagem de Souza.

Euclides da Cunha (1999) emite sua opinião sobre Joaquim Gomes de Souza em sua obra póstuma ‘A Margem da História’, em que evidencia a sua admiração.

Foucault mostra por meio de suas concepções que todas as coisas faladas, escritas ou pensadas estão vinculadas a relações de poder e saber, já que são relacionadas a práticas sociais que envolvem instituições, textos, percepções diversas voltadas e ancoradas às diferentes formas de poder que estão em constante atualização.

Leal (1987) afirmou que a entrada de Souza na política atrapalhou as suas pesquisas. Quando atuava como professor na Escola Militar que se tornou Escola Central, ele se dedicava muito aos estudos, estava sempre em contato com novas pesquisas, mas a partir do momento em que foi nomeado, por volta de 1852, para ocupar o cargo de Secretário da Comissão Diretora da Construção e do Regime Interno da Casa de Correção da Corte, deixou de se dedicar só às pesquisas.

Foi nesse cargo que surgiu a oportunidade de viajar à Europa com a desculpa de ir conhecer e analisar o sistema penitenciário europeu, com o objetivo de reformar o sistema brasileiro, mas como era professor iria aproveitar para estudar os observatórios astronômicos na França e na Inglaterra.

Podemos perceber que Souza gostava de se ocupar de muitas atividades, já que ele tinha uma missão de funcionário público e estava sempre se dedicando às pesquisas matemáticas e físicas e, ainda, teve tempo de concluir na França o curso de Medicina que iniciou no Rio de Janeiro, sem contar que tinha seus problemas de saúde.

Foram encontrados em uma carta escrita, em 1857, por João Francisco Lisboa, endereçada a Antônio Henriques Leal, comentários sobre a postura de Joaquim Gomes de Souza diante de alguns fatos. Ele escreveu após Gomes de Souza visitá-lo em Portugal, quando estava vindo ao Brasil tomar posse do cargo de deputado.

Em outros trechos da carta, Lisboa evidencia que Gomes de Souza tinha hábitos de pessoa solitária, apresentava ser muito tímido, introspectivo, falava em tom baixo, chega a

afirmar que: “No todo tem seus ares de uma moça delicada e tímida” (LISBOA *apud* SOUZA, 2008, p. 188), gostava de conversar sobre temas que interessava a ele e não era de perder tempo com assuntos fora do seu contexto.

Apesar de ter um perfil de intelectual compromissado com suas pesquisas e não de político, ficou contente em ser eleito deputado, mesmo estando morando fora do Brasil foi indicado e se elegeu por três mandatos (1857 a 1860), (1861 a 1863), (1864 a 1867), mas não conseguiu cumprir o último mandato por causa da sua saúde debilitada e consequente falecimento.

Depois que assumiu o seu cargo como deputado, não tentou fazer mais nenhuma publicação, percebemos que sua entrada na política atrapalhou seus objetivos de cientista, apenas gerando uma expectativa muito grande por parte de seus admiradores, mas não se concretizando nada de fato.

Um questionamento feito por um colega do estudioso na Câmara evidenciava que Joaquim Gomes de Souza de fato estava apaixonado pela carreira parlamentar, pois foi acusado por outro parlamentar de ter planos para disputar uma vaga no Senado. A essa acusação ele nada respondeu, pois de fato tinha interesse, porém não tinha idade, naquela época só era possível disputar uma cadeira no Senado a partir dos 40 anos de idade. Ele tinha tudo para conseguir essa vaga.

Os parentescos e os apadrinhamentos contavam muito naquele momento, é possível que isso tenha influenciado nas indicações para as três eleições em que ele concorreu a deputado. Não estamos pondo em dúvida a sua competência, porém há indícios de alguns privilégios, pelo fato de manter um bom relacionamento com o Império.

Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência. (Foucault, 1979, p. 101)

Souzinha se destacou como parlamentar, defendeu vários projetos, inclusive alguns voltados aos problemas ligados à Educação, saiu em defesa da mudança do extenso currículo da Escola Militar, lançou dois aditamentos propondo a concessão de duas loterias em favor da Escola Politécnica de Agricultura do Maranhão e duas em favor do Estabelecimento dos Educandos Artífices do Maranhão.

Lutou pela fixação das pessoas no trabalho rural, defendeu um exército forte para cuidar da segurança interna e externa do Brasil, demonstrou zelo com os gastos públicos, lutou pelo fim da submissão do Brasil aos países estrangeiros, participou da Comissão de regularização da

navegação na província do Espírito Santo, da Comissão de Instrução Pública, participou, também, da Comissão de orçamento e contas.

Passou a ter contato mais com a sua província sentindo o gosto de conviver com pessoas que o admiravam, conversava com os eleitores, discutia problemas locais e regionais. Atravessou dois momentos tristes, quais sejam, a morte de sua esposa e um ano depois a de seu filho, sem conseguir diagnosticar o problema da morte de seu único herdeiro.

Joaquim Gomes de Souza tinha tuberculose e fez de tudo para aliviar os seus problemas de saúde, tomava medicação adequada, mudou para regiões de serra no Rio de Janeiro, mas não conseguiu resistir por muito tempo, licenciou-se de um dos mandatos, casou novamente para ter alguém que cuidasse melhor dele, porém não conseguiu cumprir o último mandato e faleceu em Londres em mais uma tentativa de tratamento para melhorar as suas dificuldades respiratórias.

Após sua morte muitas homenagens foram feitas a ele, foram encontradas em Itapecuru Mirim – MA, cidade onde ele nasceu, bem como em São Luís – MA, Itaocara – RJ, Hulha Negra – RS, Rio de Janeiro – RJ e até em São Paulo – SP, homenagens presentes em nomes de escolas, nomes de ruas, nome de praças, monumentos, bustos e outros.

Na *Encyclopedia Science Technology, and Society*, publicada em 2005 pela OXFORD University Press, na parte que trata da História da Ciência, encontramos um trecho dedicado a Joaquim Gomes de Souza, comentando as suas notas publicadas na *Académie des Sciences* de Paris, na *Royal Society*, e o livro publicado depois de sua morte: *Mélanges de Calcul Integral*.

No *Webster's Online Dictionary - Brockhaus Webster's Timeline History 1772-2007*, tendo como editor o professor *Ph.D. Philip M. Parker*, publicado em 2009, foram dedicadas algumas linhas a Joaquim Gomes de Souza comprovando a publicação de 1859, qual seja, “*Anthologie Universelle choix des meilleures poésies lyriques de diverses nations dans les langues originales*”.

Quem encontrar o nome de Gomes de Souza nessas publicações históricas internacionais, sem levar em conta outros dados em torno das suas produções e dos questionamentos que surgiram, poderá construir uma imagem de alguém com muito prestígio em vários países, a ponto de ter o seu nome gravado nesse tipo de publicação estrangeira, o que poderia não corresponder ao que de fato ele foi.

Livros, dicionários, revistas, artigos, redes sociais e *blogs* são espaços capazes de promover e enaltecer muitos nomes, perceber o prestígio de uma pessoa apenas pelo registro em um desses meios não pode ser considerado suficiente, pois as fontes históricas que proporcionaram esses dados devem ser levadas em consideração.

## A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE SOUZINHA

Na investigação para este trabalho, em busca da construção de uma imagem de Souza, analisamos doze textos escritos, os mais presentes nas pesquisas que envolvem a história de Souza. Entre eles há seis livros (dois do século XIX, dois do século XX e dois do século XXI); três artigos publicados no século XX; um artigo e duas dissertações de mestrado, escritos no século XXI. Os diferentes discursos presentes nesses textos possibilitaram a compreensão dos objetivos que levaram cada autor a escrever sobre Souza, bem como das influências que tiveram.

Analisamos, também, a autobiografia de Souza e o que ficou registrado na matemática presente em suas memórias. O entendimento das diversas formas do uso da linguagem na investigação dos fatos históricos, que envolvem a história de Souza, foi obtido pela utilização dos elementos da análise do discurso francesa. Esse referencial teórico-metodológico e as concepções de Foucault e Bakhtin possibilitaram relacionar História e Linguística.

Foi possível, ainda, perceber como foram registrados os fatos que fizeram Joaquim Gomes de Souza se tornar nome de rua, nome de escolas e de praças. Observamos os motivos que levaram à escrita de livros sobre esse personagem e à realização de homenagens públicas presentes em monumentos.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (Pollak, 1992, p. 204)

Durante a pesquisa, refletimos sobre acontecimentos que ocorrem normalmente, percebemos que, quando alguns são mais destacados nas diversas mídias, conseqüentemente são lembrados mais do que os outros, sendo, com isso, possível medir as dimensões e o grau de importância que tornaram as pessoas notáveis para a história de um grupo.

As diferentes formas de narrar a história de acontecimentos nos fizeram perceber a materialização dos valores e das crenças, e que o jeito de apresentar fatos orienta a compreensão do presente para uma pessoa ou para um grupo social. Assim, reconstruir a forma de narrar esses acontecimentos históricos foi uma maneira de repensar e refletir sobre os textos escritos e os fatos relacionados à história de Souza.

Bakhtin (2001, p. 11) assegura que: “Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social”.

A interação verbal é uma das formas que Bakhtin utiliza para explicar as influências que cada sujeito exerce sobre o outro nas relações sociais. Levando-se em conta essa referência, observamos e percebemos como ocorre esse nascimento social, como acontece e se interpreta a percepção desse fenômeno que está vinculado às relações culturais e sociais vivenciadas pelas pessoas.

Miguel e Miorim (2004, p. 161) afirmam que:

Ao dialogarmos com a historiografia – acabamos por constituir uma nova história, não apenas porque fazemos perguntas novas ao passado, mas também, e, sobretudo, porque incorporamos novas fontes, novas vozes a esse diálogo; percebemos novas possibilidades de estabelecimento de relações entre discursos aparentemente desconexos e incomensuráveis; porque impomos ao passado novos deslocamentos, novos focos de descontinuidade e novos elos de continuidade, etc.

Debatemos sobre o que tem valor nas diferentes formas de registro da memória histórica. Assim, foi considerada a estrutura social vivida por pessoas ou por grupos sociais, uma vez que, por meio dessa composição social, formam-se os subsídios para a construção da narrativa histórica, que aparece registrada em livros, revistas, monumentos, documentos e, até mesmo, em filmes. Tudo isso se vincula em ações institucionalizadas como escolas, museus, bibliotecas, casa de cultura, ou mesmo em narrativas que representam tradições, como por exemplo, festas populares, homenagens orais e outras.

Os aspectos culturais se tornam atos humanos, a partir do momento em que a pessoa nasce e se desenvolve, passam por uma ação que envolve o histórico-cultural que compõe o funcionamento psicológico do ser humano. Esse indivíduo se distingue das outras pessoas, forma significados que são compartilhados e divididos nos grupos sociais, a partir daí é construída sua própria trajetória de desenvolvimento.

O significado histórico de uma pessoa para determinados grupos ocorre de forma diferenciada, pois uma imagem dessa pessoa pode estar vinculada a vários fatos. O conhecimento em relação aos fatos que envolvem esse grupo é uma das formas de comprovar como foi desenvolvido o seu carisma e o seu espírito de liderança.

Portanto, o indivíduo é uma produção do poder e do saber. Não é apenas em relação às instituições que essa produção pode ser pensada. Acredito que, muito antes do ingresso do estudante na instituição, a vigilância é exercida, num primeiro momento, pela família que supõe uma ordem que não é nem formulada, nem explicada, mas suficiente para propiciar o comportamento esperado. Fora dessa ordem primeira e, mais claramente na universidade, o indivíduo estará sob fiscalização permanente, que hierarquiza, que produz “...aptidões individualmente caracterizadas mas coletivamente úteis.” (Foucault, 1979, p. 147)

Foucault considera que a pessoa é resultado de uma forma de cultivo de poder e de saber, que só pode ser evidenciada por meio da vigilância e isso não ocorre por acaso.

Uma liderança surge dentro dos grupos, por meio dos códigos que envolvem o grau de autoridade, a importância e o prestígio, influenciadas pela vocação que cada líder possui, ou seja, aptidão capaz de exercer uma liderança, ter argumentos para comandar grupos e decidir sobre fatos e acontecimentos. Essas posturas, em relação aos grupos, colaboram para a valorização da pessoa nas narrativas históricas.

Tudo se passa como se os interditos, as barragens, as entradas e os limites do discurso tivessem sido dispostos de maneira a que, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso seja dominada, de maneira a que a sua riqueza seja alijada da sua parte mais perigosa e que a sua desordem seja organizada segundo figuras que esquivam aquilo que é mais incontrolável; tudo se passa como se se tivesse mesmo querido apagar as marcas da sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Há sem dúvida na nossa sociedade, e imagino que em todas as outras, com base em perfis e decomposições diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo por esses acontecimentos, por essa massa de coisas ditas, pelo surgimento de todos esses enunciados, por tudo o que neles pode haver de violento, de descontínuo, de batalhador, de desordem também e de perigoso, por esse burburinho incessante e desordenado do discurso. (Foucault, 2002, p. 14)

Cada instituição ou grupos apresentam características diferenciadas em relação à construção de uma imagem de uma pessoa. As universidades, os centros de pesquisa, as academias, associações, sociedades científicas, as comunidades religiosas e as sociedades civis definem características próprias para constituírem as narrativas históricas sobre a construção de uma imagem de um determinado sujeito.

Ao nos depararmos com monumentos, bustos, fotografias em museus, nomes de ruas, nomes de praças, raramente as pessoas se mostram curiosas o bastante para ler ou pesquisar sobre determinado homenageado, para saber qual a importância dele, porque o nome dele está ali. Muitas vezes a homenagem foi feita com tanta admiração na época e hoje em dia é vista apenas como um nome, não há questionamentos sobre esse tipo de registro histórico.

Os fatos do passado que se apresentam por meio de monumentos, bustos, estátuas, fotografias, nomes dados a ruas, praças, prédios, órgãos públicos ou particulares passam despercebidos, mas são registros importantes da história da pessoa homenageada. Os motivos que levaram autoridades a elaborar um projeto para criar denominações, ajudam a contar a história daquela pessoa.

As heranças do passado têm como principal objetivo perpetuar a imagem da pessoa que recebeu a homenagem, contribuir para a memória coletiva, permitir que seus feitos sejam repassados e que possam servir de exemplo para novas gerações.

O fato de termos considerado textos escritos, falados, registros em nomes de ruas, praças, escolas, bustos, estátuas e outros, fontes históricas, implicou a necessidade de uma

concepção teórica de linguagem para sua interpretação. Por isso, propusemos um entendimento em torno das questões que envolvem o sentido nos discursos, a fim de compreender como se constituiu uma imagem de Souza.

No percurso desta pesquisa, verificamos como eram os padrões de referência do século XIX, tanto em relação aos letrados, quanto em relação aos intelectuais e políticos. Para Del Priore (2009), esses padrões eram baseados em uma concepção que se fundamentava em atribuir a alguns homens de destaque uma inteligência incomum, e que criava a partir dessas características mitos e lendas sobre determinadas pessoas. Com isso, era reforçada a admiração e o respeito da opinião pública.

Elementos que envolvem a construção de uma imagem de alguém são repassados por meio da ação e da reação que são provocadas nas pessoas ou em grupos responsáveis por manter vivos os fatos que formaram essa imagem. Toda forma possível de admiração, respeito e prestígio dessa pessoa, seguramente estará registrada em diversos materiais, noticiários e símbolos, a mesma coisa acontece quando a imagem da pessoa é desgastada.

É nesse sentido que um autor modifica todas as particularidades de um herói, seus traços característicos, os episódios de sua vida, seus atos, pensamentos, sentimentos, do mesmo modo que, na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam: na vida, todavia, nossas reações são díspares, são reações a manifestações isoladas e não ao todo do homem, e mesmo quando o determinamos enquanto todo, definindo-o como bom, mau, egoísta, etc., expressamos unicamente a posição que adotamos a respeito dele na prática cotidiana, e esse juízo o determina menos do que traduz o que esperamos dele; ou então se tratará apenas de uma impressão aleatória produzida por esse todo ou, enfim, de uma má generalização empírica. (Bakhtin, 1997, p. 26)

No século XIX, podemos encontrar, na história brasileira, relatos de que havia poucas pessoas que dominavam apenas uma área, geralmente, estavam envolvidas em várias frentes intelectuais. Isso pode ser uma explicação para o fato de Gomes de Souza ser merecedor de tantos elogios e de ter um prestígio regional muito grande.

Os historiadores Del Priore e Venâncio (2010, p. 176) afirmam que:

Por essa época, havia no Brasil pouca especialização da atividade intelectual. Um indivíduo podia, ao mesmo tempo, ser magistrado, jornalista, romancista, poeta, historiador, arqueólogo, naturalista, transitando, assim, em diversas áreas do conhecimento.

Pelo fato de o Maranhão ter sido denominado de “Atenas brasileira”, nome dado em virtude de existir um grupo de maranhenses, entre 1832 e 1868, do qual Joaquim Gomes de Souza fazia parte, considerados gênios por um projeto regulado por um referencial europeu, as gerações que vieram após esse grupo se consideraram herdeiras de uma cultura muito importante, comparada à grega. Vale ressaltarmos que o Maranhão era apenas uma província, porém se julgava no direito de ser referência europeia para as demais províncias brasileiras.

Para entendermos um pouco mais sobre as situações geradas pelos fatos citados no parágrafo anterior, salientamos que grande parte do século XIX foi influenciada pelas ideias presentes no Romantismo.

O Romantismo no Brasil contribuiu também para a valorização de temas brasileiros, especialmente os ligados à exaltação da natureza, criando uma concepção paradisíaca da realidade brasileira. Foi nesse período que a História oficial brasileira começou a se organizar. Iniciou-se o processo de identificação, seleção e arquivamento de vários documentos para garantir dados sobre a identidade nacional.

O artigo: “O Plutarco brasileiro, a produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado”, escrito por Armelle Enders (2000), mostra como foi a forma de recensear e homenagear os mortos no Brasil, como já ocorria na Europa. Havia, pois, a necessidade de homenagear e respeitar a memória dos grandes homens e valorizar os seus feitos.

Inicialmente a organização e a busca pelo nome das pessoas que morreram ficaram por conta das instituições culturais e artísticas do Império; mais tarde o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) se tornou responsável por essa compilação de dados e as publicações já começaram no segundo número da revista do IHGB com o seguinte título: "Brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes, etc ... "

Essa lista aberta ("etc ... ") se inscreve em uma tradição clássica e universal. O "panteão de papel" brasileiro, erigido pela Revista do IHGB e pelos numerosos dicionários biográficos publicados durante o reinado de dom Pedro II, não é, contudo a simples réplica de um monumento de estilo internacional. Conformam-se às leis gerais que orientam a história do Brasil, como sucessão de fatos e como narrativa, e que foram definidas por Martius em nome do IHGB. O recenseamento dos grandes homens extrapola, além disso, o debate acadêmico. A administração da posteridade, por suas implicações sociais, produz o encontro da história com a memória, mistura os campos intelectuais e políticos. (Enders, 2000, p. 42)

Essa forma de homenagem, citada por Enders (2000), é semelhante aos fatos descritos no livro de Antônio Henriques Leal: “Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos”. Leal se inspirou nas ideias da época para manter viva a memória de pessoas que foram consideradas importantes. Difícil era compreender o grau de importância que cada uma tinha e como se definia uma pessoa eminente.

As escolhas biográficas dos historiadores brasileiros conservam do grande homem das Luzes, seu caráter coletivo. Os "brasileiros ilustres" são salvos do esquecimento sob a forma de dicionários. A seção da Revista do IHGB dedicada aos "Brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes, etc..." não foge à regra. Entre 1839 e 1888, 118 personagens foram aí destacados. Embora a seção por vezes desapareça da revista, como entre 1852 e 1856, isso não impede que sejam publicados artigos biográficos ou necrológicos minuciosos. A redação da revista não se preocupa em apresentar considerações metodológicas para justificar a seção. Na primeira vez que ela aparece, é precedida de uma rápida justificativa que insiste no dever patriótico de preservar a memória das figuras que se tornaram ilustres. (Enders, 2000, p. 43)

Apresentamos algumas explicações para compreender melhor certos fatos que marcaram as formas de registro da história de Souza. Como ele nasceu no Maranhão, notamos que, durante certo período, esse Estado foi visto como aquele:

Cuja capital foi legitimada historiograficamente em 1612, quando de sua suposta fundação, como a única de origem francesa, fundada por Daniel de La Touche (Senhor de La Ravardiere), François Rasily, Yves d'Evreux; àquela que se tornou parte da sede administrativa do Brasil, segundo Carta Régia de junho de 1621 [...]; lugar onde morou o Padre Antônio Vieira [...], cujos sermões seriam no futuro pinçados na recomposição da história literária no Brasil e do Brasil; região evocada no século XIX como lugar onde se falava o melhor e mais casto português; penúltima fronteira a aderir a independência do Brasil; província a ter o segundo teatro brasileiro mais antigo e a quarta em aparecimento da imprensa; lugar de eclosão da Balaiada; região exportadora de algodão, açúcar e arroz. [...] para assegurar a idéia de diferenciação social, foi o lugar de nascimento, adoção, espaço de congregação dos literatos [...]. (Borrvalho, 2009, p. 27)

Vários fatos ligados à cultura, à literatura e à política presentes tanto na fundação quanto no desenvolvimento do Estado foram observados. Havia a necessidade das pessoas, nascidas no Maranhão daquela época, de manter vivas todas as qualidades do Estado, especialmente tendo como base a sua capital, São Luís, tudo o que aconteceu lá ocorreu com diferenciação, com perfeição, por isso poderia ser considerada como “Atenas Brasileira”.

Foucault (2002, p. 2) afirma que: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”.

Para que todo o Brasil pudesse ter acesso à grandiosidade de São Luís, os escritores daquele período registraram em livros, jornais, revistas as coisas boas que ocorriam por lá. Um dos grandes responsáveis por criar essa ideia de homens símbolos do Estado do Maranhão foi Antônio Henriques Leal.

Frederico José Correia tinha valor reconhecido tanto nos debates políticos como nas controvérsias literárias e foi um dos únicos escritores do Maranhão que não adotou esta forma literária carregada de elogios para descrever os maranhenses:

Esse escritor estava na contramão do que ocorria no Brasil. Entravam em cena os grupos que publicavam tributos aos seus vultos, a revista do IHGB não foi a única a fazer esse tipo de homenagem. De fato, se alguém se sentisse esquecido pela revista poderia organizar um livro para honrar quem tivesse contribuído para o País, fosse brasileiro ou não.

Segundo Enders (2000), em meados do século XIX, surgiu no Brasil um gênero literário denominado de “brasileiros ilustres”, organizado por escritores que colaboravam para a revista do IHGB, e também faziam as suas publicações independentes.

Exemplos dessas publicações são os livros: “O Plutarco brasileiro”, escrito pelo historiador e político João Manuel Pereira da Silva (1817–1898) em 1847; “Os varões ilustres

do Brazil durante os tempos coloniais”, publicado em 1868 como uma revisão e ampliação do livro de João Manuel Pereira da Silva de 1847; em 1861 foi publicado em dois volumes o livro “Galeria dos brasileiros ilustres (os contemporâneos) (desde 1822)”, litografado por Sébastien Auguste Sisson (1824–1893).

Em 1862 foi publicado o livro “As brasileiras célebres”, escrito por Joaquim Norberto de Souza Silva (1820–1891). Em 1871 foi publicado no Rio de Janeiro o “Diccionario biographico de brasileiros célebres ‘nas Letras, Artes, Política, Philantropia, Guerra, Diplomacia, Indústria, Ciências e Caridade’ desde o ano 1500 até nossos dias”.

Já, em 1876, Joaquim Manoel de Macedo (1820–1882) organizou uma espécie de calendário denominado “Ano biographico brasileiro” para participar de uma exposição nos Estados Unidos. Foi publicado, também, o livro “Pantheon Fluminense esboços biográficos” em 1880 por Prezalindo Lery Santos. Mais tarde em 1898 foi publicado o “Diccionario Bibliographico Brasileiro”, escrito por Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

Também faz parte desse período o livro escrito por Antônio Joaquim de Melo (1794–1873), “Biografias de alguns poetas e homens ilustres de Pernambuco”, publicado de 1856 a 1859, e a obra “Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos”, de Antônio Henriques Leal (1873–1875). De acordo com a biografia de Antônio Henriques Leal, ele também foi sócio-correspondente do IHGB.

Por meio do livro ‘Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos’, Leal evidencia a construção de um tipo de memória sobre os feitos desses maranhenses ligados aos fatos da história brasileira, como algo tão importante que vai além da imortalidade, com o objetivo de apresentar para as gerações futuras, por meio das biografias, seu testemunho verídico.

Leal traça o perfil de Gomes de Souza da mesma forma que Enders (2000), como testemunha viva de quem conviveu com ele, participou junto com ele do partido liberal e não deixou a memória do seu amigo ser esquecida ou desvalorizada. Ele fez de tudo para criar e ampliar a ideia de que Souzinha foi um homem muito inteligente, intelectual que atuou bem em várias áreas e que não teve oportunidade e tempo para mostrar todo o seu valor e as suas capacidades. A admiração de Leal por Souzinha, foi passada a pesquisadores que continuaram levando-a adiante.

Joaquim Gomes de Souza conseguiu se manter no grupo dos maranhenses ilustres porque conseguiu mostrar o seu esforço, destacou-se na Academia Militar, na política, era um intelectual respeitado e contribuiu para o plano de conservar o Maranhão como um local importante para o Brasil, cheio de pessoas cultas e com destaque na Europa.

A maioria das pessoas que escreveram sobre Joaquim Gomes de Souza cita o livro de Antônio Henriques Leal e faz muitos elogios a Souza. Para compreendermos melhor porque grande parte dos relatos sobre Souza é muito parecido ou segue a mesma linha de pensamento, encontramos em Bakhtin (1998, p. 140) a seguinte afirmação:

É suficiente prestar atenção e refletir nas palavras que se ouvem por toda parte, para se afirmar que no discurso cotidiano de qualquer pessoa que vive em sociedade (em média), pelo menos a metade de todas as palavras é de outrem, reconhecidas como tais, transmissíveis em todos os graus possíveis de exatidão e imparcialidade (mais exatamente, de parcialidade).

Bakhtin evidenciou que a apropriação das palavras de outras pessoas, geralmente, resulta de uma adoção de posição que foi previamente avaliada e que apresentou um valor social e moral ligados à repercussão do assunto, ou seja, somos levados a tomar partido em determinados acontecimentos, seguindo ideias de grupos que mostram os fatos.

Os diferentes meios de comunicação social auxiliam no registro histórico de fatos, muitas vezes sendo responsáveis por imagens que enaltecem ou difamam pessoas. Os expectadores desses meios são levados a concordar com tudo que é veiculado por eles, aceitando os fatos sem discutir os interesses que estão em jogo.

O livro de Leal registrou de forma tão forte o lado bom dos maranhenses ilustres, que a história não permitiu que as críticas que foram feitas por Frederico José Correia maculassem o nome de Souza e de outros biografados. A única repercussão que tiveram essas críticas foi pequena e em nível regional, pois nenhum pesquisador que escreveu sobre Gomes de Souza comentou sobre isso.

O projeto da elite maranhense de manter a ideia de que o Maranhão produzia cultura e tinha filhos intelectuais de destaque no Brasil e na Europa implicava a divulgação, a transformação e a construção da imagem dos intelectuais, para que cada vez mais o Maranhão pudesse ser destaque no cenário nacional, a fim de que os maranhenses analfabetos tivessem orgulho de morar em um Estado forte e diferenciado.

Sempre foi moeda de troca, um arauto, um salvo-conduto todas as vezes que o isolamento geográfico, político e econômico fazia os moradores desta cidade se lembrarem de suas condições objetivas. A Atenas era, e ainda é, uma idealização do passado, [...] identificação entre os moradores da cidade que se sentiam, e ainda se sentem, irmanados por um passado brioso, estabelecendo um *modus vivendis* pautador de ações de políticas públicas, desenhos de configuração urbana, criando sentidos de memória e pertencimento social. (Borralho, 2009, p. 260)

Na época de Joaquim Gomes de Souza, a identidade de alguns maranhenses era construída com base em uma cultura europeia, refinada e erudita, para firmar a ideia de que São Luiz era a única capital fundada por franceses. Esses deixaram muitos traços de sua cultura presentes na arquitetura, nos costumes, na arte e nos ideais de civilização, já que estavam a dois

graus ao sul do Equador, na fronteira sócio-geográfica entre a Amazônia e o Nordeste do Brasil; os maranhenses se sentiam mais perto da Europa do que da capital brasileira.

Conforme os princípios estabelecidos por Foucault (2002) quanto ao comportamento dos discursos e suas características, entendemos que, por meio do princípio de inversão, a história em torno de Souza surge a partir do momento em que um jovem não consegue se firmar na carreira militar que era algo natural para ele, por existir uma tradição familiar de militares, e passa a ter sucesso em um curso de Ciências Físicas e Matemáticas, sendo capaz de apresentar uma tese de doutorado inédita aos 19 anos.

Para isso ele contou com admiradores que possuía na Escola Militar, mas também enfrentou adversários que discordavam da permissão que deram a ele para realizar os exames para a conclusão do curso de bacharelado em Ciências Físicas e Matemáticas. A partir do momento em que ele apresentou a sua tese de doutorado, conseguiu se tornar professor substituto na mesma Instituição, a partir daí a Escola Militar deixou de ser o espaço único de conquistas.

Com esse brilhantismo e destaque na Escola Militar, ele despertou a atenção de D. Pedro II e foi nomeado para ocupar um cargo no Império. Como já estava publicando seus artigos na revista Guanabara e o seu cargo exigia a ida para Europa, aproveitou para tentar publicar suas Memórias nos melhores centros de pesquisas na França, na Inglaterra e na Alemanha.

Pelo princípio de descontinuidade, percebemos os discursos se entrelaçando, apesar de apresentarem ideias contrárias, duas frentes se formaram em torno dele, todos passaram a admirar sua precocidade com as realizações na Escola Militar. Nesse contexto, a família e os amigos do Maranhão começaram a ter interesse de levá-lo para a política, pressentindo que ele poderia obter sucesso nessa carreira. Por outro lado, os intelectuais que o conheciam não apoiavam a ideia de sua entrada na política.

As tradições familiares não foram suficientes para encaminhá-lo à carreira militar em virtude de seus problemas de saúde e por causa de seu corpo franzino, porém, a partir da conquista do cargo no Império, abriu-se a possibilidade de se tornar um representante político em sua província.

A opinião de Gomes de Souza não aparece clara nesses discursos, pois não deixou escrito em sua autobiografia sua concepção sobre o período em que se tornou deputado provincial pelo Maranhão, mas ele foi seduzido pela ideia de ser representante de sua região, de merecer a confiança de pessoas poderosas e ao mesmo tempo do povo simples que vivia sendo explorado.

O princípio de especificidade de Foucault (2002) evidencia os discursos que não foram ditos, mas que são passíveis de serem percebidos, por isso, por meio dele, percebemos a decepção de Souza pela não publicação de suas Memórias matemáticas em centros de pesquisas europeus.

Se Gomes de Souza não conseguiu o prestígio que achava ser merecedor na Europa, era melhor voltar ao Brasil, trabalhar por seu povo, já que havia sido eleito deputado provincial, representante do Maranhão, sem ao menos morar na região que o elegeu. Desencadeou em Souza a vontade de cumprir o seu mandato de deputado, conhecer as formas de se fazer política no Brasil, ser um bom representante, para com isso ter a oportunidade de obter prestígio em seu país.

Ele não revela em seus escritos, mas adquiriu uma grande paixão pela carreira política, a ponto de se arriscar para conhecer e manter contato com o povo de sua região. Seus problemas de saúde eram visíveis, mas mesmo assim viajou por vários lugares. Perdeu a sua esposa e filho nessas andanças. Sempre foi uma pessoa reservada, gostava de ficar em sua casa estudando e, depois que se tornou deputado, passou a expor as suas convicções, discutindo suas concepções, sem temer seus adversários políticos, com o objetivo de mostrar que era capaz de atuar em outros cargos nessa carreira que poderia lhe ser muita promissora.

Não é fácil compreender que alguém que se dedicava às pesquisas em Ciências Físicas e Matemáticas e que sonhava em contribuir com as descobertas Matemáticas do século XIX, entrou para a política e conseguiu deixar de lado todos esses ideais. O princípio de exterioridade de Foucault (2002) possibilita entendermos essa situação, pois o discurso de Souza sobre o abandono de suas pesquisas na Física e Matemática ficou exposto nas entrelinhas, as suas justificativas estão relacionadas ao seu problema de saúde e falta de respostas da Comissão que avaliava suas Memórias.

Todas as especulações sobre Gomes de Souza encerram-se com a sua morte. A partir daí passam a existir outros discursos, cada um mostrando o que se conhecia dele, acrescentando algo a mais sobre o que ele poderia ter se tornado se tivesse vivido mais tempo. E assim vão se formando uma rede de novos discursos, alguns repetidos, outros que se conflitam, são exagerados, críticos, enfim produzidos por pessoas que, antes de tudo, admiravam-no e queriam exprimir muito respeito para compensar a sua perda.

Escrever sobre ele possibilitava torná-lo como exemplo para outras gerações e garantir sua valorização e o não esquecimento de alguém que trabalhou por seu país e merecia ser lembrado. Os escritores que conviveram com ele e os que não o conheceram pessoalmente não

conseguiram lidar com a perda de alguém tão jovem que despontava como promissor em várias áreas. E, escrever sobre ele, preenchia o vazio que deixou com a sua morte tão precoce.

Diversas intenções e objetivos estavam presentes nos textos escolhidos para este trabalho. O livro de Antônio Henriques Leal publicado no século XIX faz parte das publicações de quem quer prestar um reconhecimento ao amigo que morreu cedo, não tendo tempo de provar ao mundo que era um gênio, e se caracteriza com a forma literária presente naquele século. No mesmo período surge Frederico José Correia com suas críticas, com o intuito de travar uma luta contra Antônio Henriques Leal. Gomes de Souza e outros maranhenses biografados foram alvo de suas críticas, das quais algumas julgamos injustas. Certas críticas que ele fez a Souza têm um fundo de verdade, porém o exagero nas afirmações leva-nos a perceber algum tipo de descontentamento com grupos maranhenses, da qual ele não fazia parte.

José Teixeira de Oliveira, Malba Tahan, Humberto de Campos, João Bacelar Portela, Leopoldo Corrêa, Cícero Monteiro de Souza e Carlos Sanchez Fernandez escreveram seus textos no século XX, foram influenciados pelas ideias do Pantheon Maranhense e nenhum comenta ou apresenta críticas a Souza. Eles apenas descrevem vários fatos da vida e da obra de Souza, mas também expõem toda admiração e respeito que cada um tinha por ele. Do material analisado sobre as obras e a carreira política de Gomes de Souza, destacam-se como mais completos, no século XX, o livro de Leopoldo Corrêa e o de João Bacelar Portela.

Ubiratan D'Ambrosio, Cícero Monteiro de Souza, Sebastião Neto, Carlos Ociran Silva Nascimento publicaram seus textos no século XXI e apresentaram uma forma mais independente de tratar os fatos sobre a história de Souza. Mas, muitos dados são influenciados por Antônio Henriques Leal e João Bacelar Portela, outras fontes foram consultadas, novos focos e dados históricos foram pincelados nessas publicações, porém nenhum mencionou as críticas de Frederico José Correia. Ubiratan D'Ambrosio e Cícero Monteiro de Souza foram os que mais dados apresentaram para a história de Souza neste século.

Tecer elogios a Souza e reivindicar seu reconhecimento também contribuía para divulgar os interesses do Maranhão e suas características. Evidenciar a ideia de gênio que não teve tempo de mostrar todas as suas capacidades e exigir do Estado uma reparação pela falta de valorização de um talento grandioso como ele, isso fez com que percebessem as qualidades de Gomes de Souza, por isso lutaram e conseguiram fazer com que o Estado pagasse a publicação do livro *Mélanges de Calcul Intégral. Ouvrage Posthume*, porém não foram capazes de promover um estudo sobre os conceitos matemáticos descritos na obra.

Se antes da publicação fosse feito um exame minucioso sobre a Matemática presente em suas memórias e publicassem aquilo que de fato tinha passado por uma boa análise, Souzinha seria mais respeitado nas academias das Ciências Físicas e Matemáticas.

Apesar de não ter obtido prestígio na História da Matemática do século XIX, ele obteve respeito por ter sido um aluno aplicado nas Ciências Físicas e Matemáticas. Desenvolveu com êxito a função de funcionário do Império e de professor de Matemática, exerceu com zelo o cargo de deputado provincial, lutou contra os seus problemas de saúde e morreu antes de realizar todos os seus objetivos de vida.

Souzinha foi transformado em um homem eminente por seus amigos, conterrâneos e pela maioria das pessoas que escreveram sobre ele. Quanto mais lemos, escrevemos e falamos sobre ele, corremos o risco de esconder ou descortinar determinados aspectos intangíveis e intocáveis de sua trajetória.

A imagem de uma pessoa não se resume ao que a pessoa de fato produziu em termos de obras fantásticas ou perfeitas. Sua inserção na história depende de outros fatores que o julgamento posterior fica difícil de compreender completamente. Entram em cena fatos, concepções, crenças, prestígio, etc., ou seja, tudo aquilo que possa ter significado na memória histórica registrada por uma pessoa ou por um grupo determinado.

Como afirmou Bakhtin (2001), todo o respeito, prestígio e valor histórico, conquistados pelas pessoas, são provocados pelas ações vindas do campo social. Não é fácil compreendermos como são as pessoas humanas, suas reações e seus atos, essa compreensão está presente nas várias formas de interação e nos anseios culturais, sociais e históricos, ou seja, dependem do meio em que a pessoa vive.

Cada texto, momento histórico, grupo, local, foi responsável por construir uma imagem de Souzinha, registrando em sua história um modelo de pessoa diferenciada e sem tempo para provar todas as suas potencialidades. Tudo o que Gomes de Souza conquistou em vida o fez de maneira intensa, dedicando-se além de suas próprias forças, superando problemas, acreditando que era capaz de fazer algo distinto e conseguiu ter êxitos ainda em vida.

Foi possível percebermos, por meio dos discursos presentes nos textos analisados nesta tese, que Joaquim Gomes de Souza foi um líder nato, apaixonado pelo o que fazia e capaz de ter prestígio por onde passou. Por isso uma imagem que fica desse personagem é a de um homem digno de respeito e admiração por todas as coisas que realizou. Os trinta e cinco anos de vida, como professor de Matemática, funcionário público e parlamentar que conduziu a carreira de forma íntegra, foram suficientes para registrar seu nome na História brasileira.

A imagem construída sobre Souzainha, especialmente por Antônio Henriques Leal, de homem digno, político honesto, professor competente, pesquisador dedicado, funcionário cumpridor das atribuições de seu cargo e outros, indica a necessidade de produzir nas pessoas, que viessem a conhecer a sua história, o reconhecimento e a imitação de suas ações.

Os vários trabalhos biográficos apresentados na revista do IHGB e as várias publicações em forma de Panteões que ocorreram no século XIX influenciaram a escrita dos discursos na construção de uma imagem de Souzainha. O discurso de Antônio Henriques Leal que ficou registrado em seu livro foi muito contundente e foi capaz de se sobrepor ao discurso crítico de Frederico José Correia. Uma imagem de Souzainha criada por Leal continuou presente nas demais publicações, evidenciando um gênio que não teve tempo de realizar tudo o que poderia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin M (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Estética da criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_ (1998). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 4. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Editora Unesp.
- \_\_\_\_\_ (2001). *O Freudismo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Blake A (1898). *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 4.
- Borralho JHP (2009). *A Athenas equinocial: A fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História: Niterói-RJ.
- Campos H (1967). Souzainha, o matemático. In: Souzainha por Malba Tahan do livro *Antologia da Matemática*, volume 1, de Malba Tahan. Editora Saraiva, São Paulo, SP. Disponível em <http://www.geocities.ws/ommalbatahan/spmt.html>, acesso em 23 de outubro de 2010.
- Corrêa L (1984). *Biografia de Joaquim Gomes de Souza*. Belo Horizonte-MG. Littera Maciel.
- Correia FJ (1878). *Um livro de crítica*. Tip. do Frias: São Luís.
- Cunha E (1999). *À Margem da História*. São Paulo: 1ª ed. Martins Fontes. (temas brasileiros).
- D'Ambrósio U (2004). Joaquim Gomes de Souza, o “Souzinha” (1829-1864). In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; Ferreira, J. M. H. (eds.). *Filosofia e História da ciência no Cone Sul: 3º encontro*. Campinas: AFHIC. Pp. 453-460. (ISBN 85-904198-

- 1-9. Disponível em: <<http://ghct.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/61-Ubiratan-D-Ambrosio.pdf>>. Acesso em: 15 outubro de 2009.
- Del Priore M (1997). Documentos de história do Brasil: de Cabral aos anos 90. São Paulo: Scipione.
- \_\_\_\_\_ (2009). Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez, p. 7-16.
- Del Priore M, Venancio R (2010). Uma breve história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- Enders A (2000). O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. *Revista Estudos Históricos, América do Norte*, 14, jul. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2114/1253>. Acesso em: 15 de março, 2012.
- Foucault M (2008). A arqueologia do saber. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_ (1979). *Microfísica do Poder*. Tradução, organização, introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_ (1992). *O que é um autor*. Lisboa: Passagens.
- \_\_\_\_\_ (1999). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_ (2002). *A ordem do discurso*. Trad. de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento. Petrópolis: Editora Vozes.
- \_\_\_\_\_ (2005). Sobre as maneiras de escrever a história. In: MOTTA, Manoel de Barros (Org.) Michel Foucault. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Coleção Ditos & Escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Leal AH (1978). *Pantheon Maranhense: Ensaio Biográfico dos Maranhenses ilustres já falecidos*. Rio de Janeiro-RJ. Editorial Alhambra, 2ª ed. Tomos I e II.
- Macedo JM (1876). *Ano biographico brasileiro*, I, II e III. Rio de Janeiro.
- Martins RAF (2009). *Atenienses e fluminenses: a invenção do cânone nacional*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.].
- Miguel A, Miorim MA (2004). *História na Educação Matemática: propostas e desafios*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Nascimento COS (2008). Alguns aspectos da obra Matemática de Joaquim Gomes de Souza. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica. Campinas, SP: [s.n.].
- Neto S (2008). Joaquim Gomes de Souza e sua proposta de reforma do currículo da Escola Central. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós Graduated em História da Ciência. São Paulo, SP: [s.n.].
- Oliveira JT (1948). O famoso Dr. Souzainha. Centro brasileiro de pesquisas físicas CBPF-CS-004/89, retirado do Suplemento de divulgação científica: Ciência para todos, do Jornal: A Manhã. Disponível em: [http://cbpfindex.cbpf.br/publication\\_pdfs/Cs00489.2010\\_09\\_06\\_12\\_50\\_37.pdf](http://cbpfindex.cbpf.br/publication_pdfs/Cs00489.2010_09_06_12_50_37.pdf). Acesso em: 25 de outubro de 2010.
- Pollak M (1992). Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212.
- Portela JB (1975). Gomes de Souza e Sua Obra. São Luís - MA. Editora da UFMA.
- Santos PL (1880). O Pantheon fluminense. Esboços biographicos. Rio de Janeiro, Typ. G. Leuzinger & Filhos.
- Silva IF (1884). Dictionario Bibliographico Portuguez tomo décimo segundo, quinto do suplemento J, Imprensa Nacional, Lisboa.
- Silva JMP (1847). O Plutarco brasileiro. Rio de Janeiro, Laemmert.
- Silva JNS (1862). Brasileiras celebres. Rio de Janeiro.
- Souza JG (1848). O Modo de Indagar Novos Astros sem Auxilio das Observações Directas. Rio de Janeiro: Typographia de Teixeira & Cia., ii + 53 p. Tese de doutorado.
- \_\_\_\_\_ (1850). Resolução das equações numéricas. Rio de Janeiro, In: Revista Guanabara, I (183-190, 229).
- \_\_\_\_\_ (1854). Métodos gerais de integração e equação diferencial do som. Rio de Janeiro, In: Revista Guanabara, II (15-24, 61-64, 93-95, 251-256, 339-359).
- \_\_\_\_\_ (1859). Anthologie Universelle: choix des meilleures poesies lyriques de diverses nations dans les langues originales. Leipzig: F. A. Brockhaus.
- \_\_\_\_\_ (1882). Mélanges de Calcul Intégral. Ouvrage Posthume. Leipzig. Imprimiere de la F. A. Brockhaus.
- Souza CM, Sanches FC (1999). Joaquim Gomes de Souza e as controvérsias sobre o uso das séries divergentes no século XIX. In: Ideação – Revista do núcleo interdisciplinar de estudos e pesquisas em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, NEF, III(3): 137-157.

Souza CM (2008). O Newton do Brasil: a biografia do cientista brasileiro Joaquim Gomes de Souza. Recife: Editora da UFRPE.

Viveiros J (1954). História do comércio do Maranhão: 1612 – 1895. São Luis, Associação Comercial do Maranhão.



## Alan Mario Zuffo

Graduado em Agronomia pela UNEMAT. Mestre em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) UFPI. Doutor em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) UFLA. Pós-Doutorado em Agronomia na UEMS. Prof. UFMS em Chapadão do Sul.



## Jorge González Aguilera

Graduado em Agronomia pelo ISCA-B (Cuba). Especialista em Biotecnologia pela Universidad de Oriente (Cuba). Mestrado em Fitotecnia e Doutorado em Genética e Melhoramento pela UFV e Post Doutorado na Embrapa Trigo. Prof. UFMS em Chapadão do Sul.



## Bruno Rodrigues de Oliveira

Graduado em Matemática pela UEMS. Mestrado em Engenharia Elétrica UNESP-Ilha Solteira e Doutorado em andamento na mesma instituição. Pesquisador independente.

### Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso - Brasil  
Telefone (66 )99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

ISBN 978-658146002-0

